

Coelho Neto e a literatura de Caliban na *Belle Époque* brasileira


Renata Ferreira Vieira (UERJ/CNPq)¹
Leonardo Mendes (UERJ)

Resumo: O objetivo desta comunicação é apresentar uma faceta pouco conhecida do escritor e jornalista maranhense Henrique Maximiano Coelho Neto (1864-1934) pela historiografia literária, a de autor de literatura licenciosa e pornográfica, sob o pseudônimo de Caliban, da peça shakespeariana *A Tempestade* (1611), nas décadas de 1890 e 1920 no Brasil, época conhecida como a *Belle Époque* brasileira.

Palavras-chave: Coelho Neto; Imprensa; Literatura licenciosa e pornográfica

Esta comunicação apresentará os resultados parciais da minha tese de doutorado sobre o surgimento da categoria de “leitura alegre” no Brasil nas décadas de 1890 e 1920, relacionada a leituras de livros de conteúdos licenciosos e pornográficos, como também a outros gêneros focados no aspecto divertido e de entretenimento da literatura, sob a orientação do professor Leonardo Mendes, da UERJ. O objetivo da pesquisa é conhecer os gêneros textuais que constituíam a categoria de “leitura alegre” nas práticas culturais dos escritores, críticos, livreiros-editores, distribuidores e, se possível, do leitor comum dessa época no país. Nesta comunicação o foco de interesse é o estudo de um dos livros que compõe o *corpus* da pesquisa: *Álbum de Caliban* (1897-1898), do escritor maranhense Henrique Maximiano Coelho Neto (1864-1934), publicado pela Laemmert & Comp., no Rio de Janeiro. Para cumprir o objetivo do trabalho, a pesquisa investiga informações sobre esse autor e sua relação com o mercado da “leitura alegre”, entre as décadas do final do século XIX e a inicial do XX, no Acervo da Hemeroteca

¹ Doutoranda em Literatura Comparada da UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Contato: rfv_30@yahoo.com.br. Orientador Prof. Dr. Leonardo Mendes. Contato: leonardomendes@utexas.edu.




Digital Brasileira da Biblioteca Nacional por meio dos pressupostos teóricos da história do livro e da leitura (CHARTIER, 1990).

A princípio, a pesquisa considerava que os 6 volumes de *Álbum de Caliban* publicados pela prestigiosa livraria-editora Laemmert, em 1897 e 1898, seriam a única produção de Coelho Neto para o mercado da “leitura alegre”. Durante as investigações sobre a possível circulação desses livros nos dias de hoje, constatamos que havia uma edição de *Álbum de Caliban* em brochura (sem os dados da editora) à venda a R\$100,00 no sebo digital da Estante Virtual. Para ampliar a produtividade da pesquisa, a compra dessa edição foi realizada e incluída no *corpus* da tese. Com o objetivo de explorar a faceta pornográfica do escritor Coelho Neto, apresento, em caráter sintético, a última edição de *Álbum de Caliban*, que radicalizou o conteúdo licencioso dos 6 volumes ao inserir imagens de nudez feminina para a “alegria” do público de ambos os sexos.

No “retrospecto literário” de 1897 da coluna “Caleidoscópio”, do jornal carioca *A Notícia*, Coelho Neto foi reconhecido como o escritor que “mais produziu no ano que passou ou mesmo de 1896”, escrevendo “uma vasta produção oriunda da sua assombrosa fertilidade criativa”, fosse com seu próprio nome e/ou com seus diversos pseudônimos (*A Notícia/RJ*, 10 a 11/01/1898, p.2). Era um “trabalhador incansável, colaborando em três ou quatro jornais: a *Revista Brasileira*, a *União Acadêmica* e o *Almanaque da Gazeta de Notícias*” (*A Notícia/RJ*, 10 a 11/01/1898, p.2). A produtividade do escritor surpreendia seus pares, que ficavam sem saber “como o autor tinha tempo” para realizar várias atividades na imprensa e na escrita de “todos os livros publicados no correr do ano passado [1897]” (*A Notícia/RJ*, 10 a 11/01/1898, p.2). Embora produzisse tanto, Coelho Neto, segundo a voz corrente dos homens de letras, “não fazia obra de fancaria e, ao contrário, aperfeiçoava-se, esmerava-se, mudava o estilo”, com seu talento e sua perseverança no trabalho (*A Notícia/RJ*, 10 a 11/01/1898, p.2).


Entre os livros de Coelho Neto, publicados em 1897, estavam os três primeiros volumes de *Álbum de Caliban*, uma coletânea de “contos brejeiros” assinada pelo pseudônimo Caliban, da peça shakespeariana *A Tempestade* (1611). Os três últimos volumes dessa coleção foram publicados no ano seguinte, cada livro era vendido pelo atrativo valor de 1\$500 (mil quinhentos réis). Antes da edição em volumes, *Álbum de Caliban* era publicado na coluna satírica “O Filhote”, na primeira página do jornal



carioca *Gazeta de Notícias*, entre 2 de agosto de 1896 e 28 de maio de 1897. “O Filhote” surgia como espaço de conteúdo adulto e licencioso, divulgado com candura infantil. A coluna testava a propagação e os limites da literatura licenciosa no jornal, com vistas à publicação posterior dos textos em formato de livro. O teste da coluna (apesar dos protestos dos leitores conservadores) confirmou a aceitação da literatura obscena nos jornais de grande circulação, como também estimulou o mercado livreiro a publicar livros de “leitura alegre”. Com a publicação dos seis volumes de *Álbum de Caliban*, o mercado da “leitura alegre”, por meio da Laemmert, surgia com força total no comércio livreiro da última década do século XIX no Rio de Janeiro, se expandindo pelas cidades de São Paulo e Recife devido às filiais da editora carioca.

Álbum de Caliban trata-se de uma série de contos breves, escritos em “linguagem castiça, disfarçando, sob uma forma encantadora”, o conteúdo licencioso dos textos sem recorrer ao emprego de palavras vulgares (*A Nação/SP*, 26/08/1897, p.1). As histórias contêm uma “leve malícia nas letras” ao contar o cotidiano, a vida religiosa e a inocência da criança (*A Nação/SP*, 26/08/1897, p.1). São textos que trazem fortes marcas cômicas da cultura popular do humanismo renascentista do escritor francês François Rabelais (1494-1553), onde o riso é combinado com as ações vinculadas à vida da parte inferior do corpo: o sexo, a concepção, a gravidez, o parto, absorção dos alimentos e a satisfação das necessidades naturais, ao que Bakhtin chamou de “baixo corporal” (BAKHTIN, 2013).


Com o sucesso de vendas dos seis volumes na última década do século XIX, as “brejeirices de Caliban” reapareceram, em 1905, na revista carioca *O Malho* em formato de novelas ilustradas para agradar ao “público de calças e causar invejar ao outro” (*O Malho/RJ*, 14/01/1905, p.4). Na revista *O Malho*, as novelas do *Álbum de Caliban* eram publicadas, em avulso, uma vez por mês. Nas fontes não foi possível localizar o valor da edição ilustrada de *Álbum de Caliban* veiculada pelo *Malho*, que era vendida, separadamente, a 300 réis. A primeira novela, com o título ‘Inocência Inocente’, é a “história cálida” de um rapaz, chamado Inocência, “que chegou à barba sem que a sua alma fosse, de leve, roçada pela malícia, devido aos cuidados escrupulosos da sua tia” (*O Malho*, 14/01/1905, p.4). Para ajudar Inocência, o vigário da cidade “encaminha” o rapaz para Dona Margarida (prostituta e a amante do religioso) para que ela ensinasse ao “pobre as lições da vida” (*O Malho*, 14/01/1905, p.4). O “livrinho” tornou-se na



“sensação do momento”, rendendo ao *O Malho* um aumento considerável de sua tiragem. Segundo a imprensa, os “textos picantes” de Caliban eram um regalo para todos que buscavam um “alegre passatempo” em meio à “ádua labuta diária do ganhapão” (*O Malho*/RJ, 21/01/1905, p.4).

Após o êxito em *O Malho*, uma nova série do *Álbum de Caliban* foi reeditada em brochura e colocada à venda nos pontos de jornais de Braz Lauria, na Rua do Ouvidor, por 1\$000 (mil réis) e pelo correio por 1\$500 (mil quinhentos réis). Supomos que seja o livro comprado na Estante Virtual. Antes de conhecer esta última edição de *Álbum de Caliban* chamávamos o livro de “Caliban pirata” por causa da ausência de autoria, que nos dava entender que o sucesso de *Álbum de Caliban* pelo país tinha estimulado a reprodução ilegal do livro licencioso de Coelho Neto. Mas depois revimos essa percepção porque há duas pistas da participação do escritor nesse empreendimento editorial. A primeira é o reaproveitamento total de uma “cena excitante” do romance naturalista *Turbilhão* (1906), de Coelho Neto, para compor a lista de “contos indecorosos” de Caliban com o título ‘Ritinha’. A segunda é a sua boa relação com seus pares, que, além de contratarem seus trabalhos, os divulgavam na imprensa. Se houvesse apropriação indevida da produção literária de Coelho Neto, tal atitude não passaria despercebida aos homens de letras, pois cada lançamento editorial relacionado ao nome do escritor e seus pseudônimos era registrado na imprensa com todas as pompas.


Nas revistas cariocas *O Rio Nu* e *O Malho*, o lançamento da nova série do *Álbum de Caliban* foi anunciado com grande euforia, como a “novidade mais quente” do ano para os espíritos emancipados da época (*O Malho*/RJ, 01/04/1905, p.12). As “altas temperaturas” do *Álbum* já se insinuavam na capa colorida do livro, que ilustrava um monge de chifres escrevendo “diabruras” ao redor de várias mulheres nuas, como se estivessem nas profundezas do inferno. Na folha de rosto, há uma informação confusa sobre a pretensa identificação da “origem” do livro, onde mistura os dados da procedência e do destino da obra com três línguas: inglês, francês e português. Uma estratégia comunicativa do discurso pornográfico para dificultar a localização dos “livros perigosos”, como também para demonstrar o caráter transnacional da pornografia. Com ilustrações de poses sensuais femininas nas páginas, o volume contém 10 fotos de mulheres nuas e 38 contos, uns publicados na coluna satírica “O Filhote” e



outros nos volumes da edição Laemmert. Apesar de não recorrer ao discurso (propriamente) pornográfico, a última edição de *Álbum de Caliban* configurou-se, plenamente, no imaginário da pornografia ao inserir imagens de corpos femininos nus, rompendo com o caráter cômico e tolerável das “malícias” da literatura obscena, permissiva nas trocas sociais pelo viés do humor, prazer e divertimento.

Sendo mais sexual e destinado para o deleite dos leitores nos recônditos dos seus quartos, a nova série do *Álbum de Caliban* prometia fazer “jus à gratidão do público contemporâneo e aos louvores futuros da História”, por ser uma “obra atenta às exigências dos tempos” (*O Malho/RJ*, 14/01/1905, p.4-5). Em outras palavras, um livro atrelado às tecnologias das artes gráficas e incrementado de recursos sensacionalistas para comover os estados fisiológicos e psicológicos do público leitor (BROCA, 1960; SINGER, 2001). O sensacionalismo partia da forte campanha publicitária do mercado livreiro e da “novidade excitante” das fotografias, que captavam a nudez feminina por meio de imagens encenadas para estimular a interação entre o leitor e o texto (STOOPS, 2015). Na primeira foto do *Álbum*, a modelo (como “boa anfitriã”) encena, com bom humor, uma expressão facial que remete à sensação de que a leitura será excitante, como convém aos livros de “leitura alegre”, ao se descobrir diante dos olhos dos leitores. A percepção das fotografias do *Álbum de Caliban* nos sugere a contribuição criativa dessas modelos por meio da interpretação de cenas carregadas de talentos dramáticos, que expressavam suas participações ativas na própria produção dos conteúdos pornográficos para o imaginário da época (STOOPS, 2015).

Mais ousado e atrevido, o *Álbum de Caliban* reapareceu com objetivo de atender ao público de ambos os sexos, a despeito da interdição patriarcal nos costumes da sociedade da época. Ao considerar o público feminino na apreciação da “literatura de Caliban”, *O Rio Nu* e *O Malho* colocavam em suspeição a expressão “leitura para homens” ou suas variações, como “romances só para homens” ou “leitura para velhos”, usadas para especificar seu público alvo e rotular as obras classificadas como pornográficas nos anúncios dos “livros alegres” no século XIX (*O Rio Nu/RJ*, 06/07/1907, p.7). Suspeição que Coelho Neto já apresentava em 14 de agosto de 1897 por meio do exemplar do 1º volume de *Álbum de Caliban*, dedicado à esposa Maria Gabriela Brandão (a Dona Gabi) (? -1931), que foi doado à Biblioteca Nacional pela família do escritor e pertence à “Coleção Coelho Neto”, do Acervo de Obras Raras. A



postura de Coelho Neto indicava que o escritor assumia tranquilamente seus livros produzidos para o mercado da “leitura alegre” diante da esposa, não havendo nenhum constrangimento entre eles. Desse modo, as mentalidades de Coelho Neto e das revistas *O Rio Nu* e *O Malho* operavam no paradigma libertário da literatura materialista do humanismo renascentista, que não censura a apreciação feminina dos textos obscenos e pornográficos e, especialmente, compreende a mulher na pornografia como uma co-protagonista do universo sexual, executando (sem regulação moral) o prazer de ser desejável (JACOB, 1999).

Valendo das práticas da tradição pornográfica, como ocultar a autoria e o local da edição (para deixar no ar a sensação de possuir uma “obra clandestina”) e a introdução do registro fotográfico (para aguçar os sentidos), *Álbum de Caliban* foi um sucesso de vendas por quase vinte anos. Com edições esgotadas, muitos leitores procuravam o “adorável *Álbum*” nos jornaleiros e nas redações de *O Malho* e *O Rio Nu* (*O Malho*, 29/07/1922, p.39). A consulta aos jornais nos ajudará a entender como Coelho Neto manifestava, com a literatura de Caliban, o mundanismo da vida cultural da *Belle Époque* brasileira, que percebia as novas condições de escrita como uma prática transformada pelas demandas de uma sociedade que compreendia (e consumia) literatura e sexo para além do limite sacerdotal das letras.

Referências


BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução: Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil-1900*. Rio de Janeiro: Liv.José Olympio, 1960.

COELHO NETO, Henrique Maximiano. *Álbum de Caliban*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1897-1898.

_____. *Álbum de Caliban*. Rio de Janeiro, s/d.

CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa, Difel, Rio de Janeiro, Bertrand, 1990.



JACOB, Margaret. O mundo materialista da pornografia. In: HUNT, Lynn (Org.). *A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da modernidade*. São Paulo: Editora Hedra, 1999. p. 169-215.

SINGER, Ben. "Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular". IN: CHERNEY, Leo; SCHWARTZ, Roberto (org.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo, Cosac & Naify, 2001, p.95-123.

STOOPS, Jamie. "Class and gender dynamics of the pornography trade in late nineteenth-century Britain." *The Historical Journal* 58.1, 2015, p. 137-156.

Periódicos: Hemeroteca Digital Brasileira/Fundação Biblioteca Nacional:
<<http://memoria.bn.br/>> Acesso em: 17/04/17.

A Nação/SP, 26/08/1897, p.1

A Notícia/RJ, 10 a 11/01/1898, p.2

O Malho/RJ, 14/01/1905, p.4

O Malho/RJ, 21/01/1905, p.4

O Malho/RJ, 01/04/1905, p.12

O Malho/RJ, 29/07/1922, p.39

O Rio Nu/RJ, 06/07/1907, p.7